

## **Alterações na lei obrigam empresas a repensar estratégia**

*Jordana Viotto*

*Especialização é alternativa, orienta especialista*

Alterações na legislação têm o poder de impactar o mercado e obrigar a empresa a repensar suas estratégias.

Até 2007, os principais clientes do Cortume Runge eram as faculdades que fabricavam seus diplomas com pergaminhos. Com a proibição jurídica da cobrança pelo documento, com ações em diversos Estados, as instituições optaram por materiais mais baratos, deixando o item de lado.

Como 70% do faturamento da empresa vem da produção desse material, ela teve de encontrar outras formas de atuar.

"Vamos montar uma loja virtual para vender diretamente a clientes que demandam pouca quantidade [do artigo]", afirma o dono, Carlos Runge.

Na esfera municipal, a Lei Cidade Limpa, que entrou em vigor na cidade de São Paulo em 2007 e proíbe faixas e cartazes nas ruas, também teve reflexo para micro e pequenas empresas, especialmente as fabricantes desse tipo de sinalização (leia abaixo).

Empreendimentos que produzem artesanalmente devem observar os movimentos do mercado, segundo Dariane Castanheira, professora do Programa de Capacitação da Empresa em Desenvolvimento da FIA.

### **Nicho**

O surgimento de tecnologias e outras mudanças de cenário podem estreitar o espaço ou mesmo acabar com a empresa.

Recentemente, exemplifica ela, o dono de um estúdio de fotografia falou de sua preocupação com o futuro do negócio. "O conselho é que ele procure se especializar em algum nicho", orienta Castanheira.

O problema, de acordo com Elismar Álvares, professora da Fundação Dom Cabral, é que, muitas vezes, o empresário não conta com recursos para adaptar os processos. Nesses casos, a saída pode ser buscar investidores.

### **Gráfica em SP perde 60% dos pedidos**

*Jordana Viotto*

A impressora alemã de 1929 que roda há 27 anos na Gráfica Fidalga chegou a gerar 300 modelos de cartazes do tipo lambe-lambe por mês. Hoje, são cerca de dez.

"Dá para pagar o aluguel e tirar um dinheirinho para a gente", afirma Mauricio Pereira Santos, 74, um dos três impressores que trabalham no empreendimento.

Ele recebe R\$ 800 mensais para complementar a aposentadoria de R\$ 500.

As novas tecnologias de impressão já vinham substituindo os trabalhos feitos na máquina manual. Com a Lei Cidade Limpa, instituída em 2007, a empresa perdeu mais de 60% de seus pedidos.

Em dificuldade financeira, o então proprietário vendeu o salão em Pinheiros, na capital paulista, onde ficava a fábrica. Considerou vender a máquina também - e até recebeu proposta para isso.

Mas preferiu fazer uma troca com os funcionários, já que não conseguia mais pagar seus salários.

"[O antigo proprietário] falou para ficarmos com a máquina e garantirmos nosso sustento", conta Santos.

Os três colegas mudaram a empresa para um imóvel alugado. "Adoramos a gráfica e quisemos salvá-la."

**Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 18 abr. 2010, Classificados, p. 3.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais